



## OPINIÃO

**Formal líderes****ALBERTO CASTRO**

Diretor do MBA Internacional da Católica Porto Business School

**E**mpresas, empresários, gestores. A mitologia da gestão roda, em regra, à volta de protagonismos individuais. Como se fosse verdade. Vá-se para além da espuma, do ruído da mediatização, da feira de vaidades e percebe-se quão longe da verdade aquela vulgata está. Já no seu tempo, nos anos 1930, Bertolt Brecht escrevia no poema Perguntas de um Operário Letrado: “O jovem Alexandre conquistou as Índias. Sozinho? César venceu os gauleses. Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço? Quando a sua armada se afundou, Filipe de Espanha chorou. E ninguém mais? Frederico II ganhou a guerra dos sete anos. Quem mais a ganhou?”. E acrescentava: “Em cada página uma vitória. Quem cozinhava os festins? Em cada década um grande homem. Quem pagava as despesas?”.

Quando a aparência e a efabulação não nos satisfazem, encontramos uma realidade bem distinta. As empresas que lideram criaram ou inseriram-se num ecossistema de relações e sinergias recíprocas, envolvendo fornecedores, clientes, concorrentes, instituições de investigação e, evidentemente, a sua comunidade interna. Quanto aos empresários e gestores mais bem-sucedidos, apontados como paradigmas do líder, as suas histórias estão nas antípodas das de um “lone ranger”. Distinguem-se pela sua visão, capacidade de iniciativa, de antecipação, de assumir riscos, mas também (sobretudo?) de congregar, mobilizar, motivar e organizar recursos, organizações e pessoas. Ter companheiros, parceiros, pares. Por caminhos distintos, é certo. Mesmo quando a hierarquia está presente. Ou quando uns se assumem como líderes e outros como seguidores.

Ao contrário das fábulas, liderar não é um trabalho individual. Não se faz sem outros e, muito menos, apesar dos outros. Uma formação sólida para a liderança rompe com essas fantasias. Requer competências que podem ser treinadas, alimentadas, desenvolvidas. Pressupõe conhecer-se e conhecer. Os outros. A organização. O que o rodeia. Exige princípios. É, mesmo, no fundamental, um exercício de princípios.

Creio que foi Abel Salazar que disse: um médico que só sabe de medicina, nem de medicina sabe. Do mesmo modo, uma formação obcecada com a liderança, fechada sobre ela, tecnocrática, é um equívoco. Por o querer tanto, acabará por não contribuir para o desenvolvimento das capacidades e competências de liderança. Por si só, pode desenvolver o ego mas não produz os líderes que o futuro exige. Esses terão uma pluralidade de competências e uma visão cosmopolita do mundo, dos negócios, das pessoas. Isso os diferenciará. ■

***Ao contrário das fábulas, liderar não é um trabalho individual. Não se faz sem outros.***